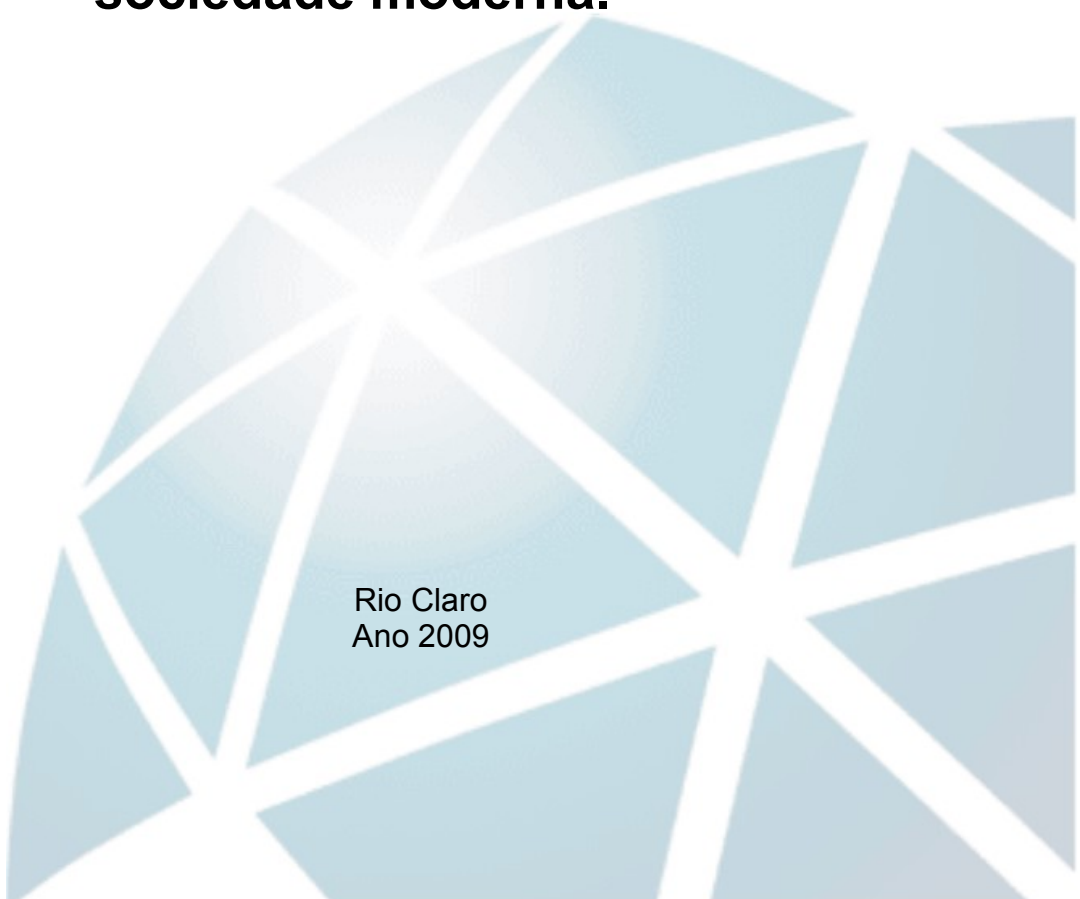

Licenciatura em Pedagogia

LARISSA VITTI STENICO

CHAPLIN: Da política à arte.

**Um estudo sobre os processos de subjetivação da
sociedade moderna.**



Rio Claro
Ano 2009

LARISSA VITTI STENICO

CHAPLIN: Da política à arte.

Um estudo sobre os processos de subjetivação da sociedade moderna.

Orientador: Romualdo Dias

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Rio Claro
2009

À Ana, Leopoldo e Carol.

Agradeço

Às pessoas queridas que fazem ou fizeram parte de minha vida, tantos são os rostos e nomes que me vêm a memória agora. Os momentos pelos quais passamos, acompanhados ou não, encarando as dificuldades, o andar no escuro sob a deliciosa companhia de pessoas que seguram a mão:

Meus pais, Leopoldo e Ana, e meus irmãos, Carolina, Michel e Murilo por serem minha família.

Meus amigos, pelas longas conversas, desabaços que perto ou distantes torceram e me apoiaram. Especialmente aos amigos de turma do curso de Pedagogia da UNESP de Rio Claro.

Meu orientador, Romualdo Dias, pela possibilidade de construir um trabalho aberto ao *campo das sensações*, ao apoio, às provocações e “tremores de terra”.

Ao querido Everton pela ajuda com o texto e o dialeto tirolês.

À Gisele, que me ajudou no árduo trabalho de *desconstruir e construir* em tantos momentos da vida.

Ao amor terno.

“Num filme o que importa não é a realidade, mas o que dela possa extrair a imaginação”
(C. Chaplin)

SUMÁRIO

Introdução	6
Primeira Parte:	
O tempo não para.....	13
A classe dominante.....	16
Os imprevistos do empregado.....	18
O corpo vulcão.....	20
O Trabalho x Loucura.....	24
Segunda Parte:	
A vida de Lisbela e o Prisioneiro.....	27
Terceira parte:	
Cultura e Educação.....	34
A vida como obra de arte, ou a arte da vagabundagem.....	35
Mal-estar de Pedagoga.....	38
Sugestões de músicas	42
Referências Bibliográficas (ou não)	50

“Benedeta casa mia per piu poretta che la sia”

(Bendita a minha casa por mais pobre que ela seja)

Aqui o espaço é bonito. Contém um tom de verde que contrasta com o do verde-cana, cor de exploração que predomina ainda mais no caminho a chegar até aqui.

Na decida da antiga escola, que fica entre dois bairros, vê-se uma espécie de condado ou vila. Ao lado do asfalto que ainda não cobre todo o bairro (algumas estradas impossibilitam a passagem nos dias de chuva forte) há arbustos com flores ou sem, árvores e mato. Às vezes se faz observar também no percurso alguns senhores vestidos com botas, calças largas, camisa xadrez, chapéu de palha, facão e enxada nas mãos, carpindo o mato ou plantação.

Ao passar pelas casas caminhando, lá pelas dez ou onze horas da manhã é possível de longe sentir o cheiro da cebola e do alho fritando na panela. Homens e mulheres sobem e descem até a praça carregando galões de água para os encher na bica da gruta, o barulho da água caindo é interminável. Na praça grandes canteiros construídos desproporcionalmente; à noite, as crianças andam de bicicleta ao redor deles, brincam de esconde-esconde, futebol com garrafas de plástico ou andam pelo *escadão* (um calvário construído pelos próprios moradores; há quem diga que só existem nove desses no mundo todo e um pertence a nós) na via sacra subimos todo esse calvário rezando, segurando velas ou faroletes. O lugar é usado também para encontros entre casais por ser escuro e ter espaços para se esconder dos pais (isso pelo menos no meu tempo de adolescente), e fica perto da Igreja que chama a atenção por ser um símbolo de fé e cooperação do bairro. Os moradores a construíram para manter sempre a religiosidade e as próximas gerações nesse caminho.

As pessoas ao se encontrarem pelo caminho, se cumprimentam com um olhar rápido, às vezes um sorriso ou um comentário sobre o tempo ou a vida alheia.

O dia é tranqüilo, as mulheres ainda poucas trabalham somente em casa cuidando dos filhos.

Começa cedo a rotina com o barulho dos ônibus da viação Stenico se movendo para levar estudantes, operários, enfermeiros, professores e enfim,

todos aqueles que trabalham e precisam ir até a cidade resolver outros assuntos ou para simplesmente *spazionàr* (passear).

Para chegar na cidade de ônibus leva *cem ano*¹, uma hora até o centro. Chega-se ao terminal depois de uma mudança total da paisagem entre o verde-cana e depois as estruturas retangulares e maciças que saem do chão e alcançam o céu. O sol disputa o espaço entre essas construções, as infinitas lojas, os pombos na praça, nas ruas. O asfalto quente, com as pessoas correndo de um lado para o outro.

E a deliciosa sensação de aguardar o querido Santa Olímpia para voltar para casa; vale até ir apertado entre as pessoas, o destino do ônibus, depois de um dia confuso e corrido na cidade, provoca uma sensação de alívio. *Ufa! Che bell! (que bom)*. Caras conhecidas no ônibus, uma conversa gesticulada e enfim em casa. Como diria minha nona: *Benedeta casa mia per più poreta que la sia* - essa frase consegue fazer expressar todo o alívio de estar em casa, perto de nossas origens, como se o contato com a cidade fizesse correr o risco de fazer nos perdermos por lá, perder o jeito que falamos, do que gostamos, acreditamos.

Diferente do filme “A vila”, não temos um muro e uma floresta supostamente mal-assombrada para nos fecharmos e preservarmos a cultura. Longe dos “perigos da cidade”, protegidos em uma vila. Mas percebo que sinto medo de me misturar a tal ponto que poderei perder minhas raízes, então prefiro me fechar, ficar aqui. Num bairro “fechado” com pessoas supostamente “fechadas”. O muro, o medo da ameaça de ser invadida pelo que existe lá fora existe em mim. Como a invasão provocada no território de Tirol pela Itália.

Esse espaço, Santa Olímpia, foi ocupado por pessoas que fugiam de uma guerra, a disputa pelo território do Tirol que se situava na Áustria. Essa guerra ocorreu entre a Itália para o domínio do território. Ao final a Itália venceu e hoje esse território pertence a esse país. Essa situação vivida pelos nossos antepassados provocou medo de perder suas origens e se perder no mundo.

A necessidade de sobreviver foi maior e assim começou uma história nesse território que serviu de abrigo e consolo à triste condição em que se

¹ Trata-se de uma expressão advinda do dialeto trentino (*zénto àni*).

encontravam tantos imigrantes de Tirol. Foram construindo-se casas e constituindo-se novas famílias.

Ainda existe uma casa onde várias famílias moraram juntas e passar por lá sempre me faz pensar em toda a dificuldade e histórias que essa casa deve ter vivido, com tantas pessoas que nasceram, foram criadas e morreram embaixo do teto dessa casa. Essa é conhecida como *a casa grande*. Contam-nos que todas as festas antigamente ocorriam naquele espaço, recebiam políticos, padres e faziam-se “banquetes”.

As festas mudam completamente essa fisionomia tranqüila do bairro. Tudo fica agitado, fica em festa. Aqui só falta ter *a festa da festa*. Da cozinha saem as tradicionais comidas festivas. Uma moradora modestamente definiu sua arte de fazer o molho de tomate para o cuscuz e macarrão: “*é só colocar um cite (punhado) disso, outro daquilo e pronto!*”

Além de toda essa doação para construir uma sobrevivência em meio nova condição em que tinham que estar: a difícil tarefa de se sentir em casa. Mantemos um comportamento tímido ao contato com o outro. Resistimos a abraçar e beijar, a conhecer o sentir do nosso corpo. Tímidos e resistentes a ponto de nos envergonhar ou nos surpreender quando alguém chega e dá um beijo ou um abraço de cumprimento. Preferimos fingir que não existe essa situação. *Massi!* (nem pensar!). *Che cagàde!* (querer se aparecer, exibicionismo). Não precisa disso. Sem jeito vamos tentando disfarçar e agir naturalmente. Não sabendo como agir, esperamos sempre a iniciativa do outro em movimentar-se e vir até nós ou com um sorriso e um olhar cumprimentar-nos. Se isso não ocorre seguimos em frente.

Que resistência!!!

Resistir ao corpo ao sentir. Medo da reação do outro em nos observar ou estranhar um novo comportamento.

La bambina! Assim me chamava um senhor já velho quando eu era criança. Sentia-me tão envergonhada que fugia dele pelos cantos para não ser encontrada. Nem sabia o que essa palavra significava, mas só o fato de pensar em passar por esta situação e não saber como agir, me dava vergonha.

Não somos acostumados a agir com o outro, e o medo disso nos faz fechar-nos.

“*Eu sinto uma babilônia² na barriga, um brute³ no coração e um guéto⁴ na cabeça*”. Foi mais ou menos assim que se descreveu uma moradora ao seu médico. A dificuldade de se expressar o que se sente, é a dificuldade de se descobrir em um espaço fechado e olhar para um corpo que pede.

O que é esse brute que se sente. Brute de estudar, brute de falar em público, brute de ter que escrever o TCC... Me dá um brute, disso ou daquilo. O brute é um mal-estar que não passa. Pode ser um mal-estar de estar sozinho e se achar uma aberração ou loucura por não olhar para o que se sente, de se dar conta que é diferente das outras pessoas, que todos são diferentes em um lugar onde parece ser vigiado (por isso o “escadão” é interessante...)

O mal-estar da incompreensão de si mesmo. De não existir para si, mas em função do olhar das outras pessoas.

Estar fechado também, não significa que nunca poderá ser aberto. Fechado oferece uma conotação de coisa temporal: temporariamente fechado. As aberturas podem ocorrer.

Esse trabalho é minha abertura e meu olhar sobre mim mesma, do contato com quem eu sou, com o que eu sinto. Isso ocorre através da arte, no caso, a arte de escrever. A partir da necessidade de existir.

O que coincide em meu trabalho é a mesma necessidade que vejo no trabalho cinematográfico de Chaplin. Relaciono-me com ele dessa maneira, como se a arte possibilitasse uma abertura para existir. E no filme “Tempos Modernos”, que será analisado aqui, fica mais clara ainda essa idéia, compartilhando do mesmo sentimento. No filme o personagem busca sempre estar trabalhando, ou seja, preocupado em seguir uma ordem, mas ao mesmo tempo vai contra essa ordem imposta, quando se vê que não se encaixa nos trabalhos que aparecem e produz um novo modo de vida sendo um vagabundo, pois seu corpo pede essa atenção, esse olhar. E essa pode ser a abertura que ele vive, ou melhor, que ele desencadeia no decorrer de todo o filme.

Foi desencadeada a abertura. Vou contar como tudo começou:

Apesar de ser muito difícil em encaixar as coisas, o primeiro contato que tive com Chaplin foi a leitura do último discurso do filme *O grande Ditador*, com a

² Confusão.

³ Dialeto trentino: *brut*. Expressão do dialeto trentino indicando insatisfação, tristeza, medo, angústia

⁴ Dialeto trentino: *ghèto*. Bagunça, confusão, local sujo

frase: “não sois máquinas, homens é o que sois”. Essa frase ficou matutando em minha cabeça. Mas será possível isso mesmo? Será que virei máquina? Como no caso do filme que possui essa frase, um personagem tão simples, um barbeiro confundido com o grande ditador pode conseguir me mostrar algo tão óbvio e ao mesmo tempo tão complexo. Senti naquele momento um convite a uma pesquisa. A tentar tatear as sensações que passavam pelo meu corpo, para ver se algo havia restado da máquina em que havia me transformado. E saiu a visão que conseguia, ou queria ter de mim mesma em função dessa pesquisa que havia me proposto a pensar:

“Me conhecer. Me conhecer como se estivesse sentindo a superfície de um mosaico. Sentindo qual é seu desenho, sua forma, as suas pontas que cutucam os dedos, que surpreendem que encanta e não dá vontade de parar. Sentindo todo mosaico sendo construído e o que já foi...e que não será concluído. Montando,montando,montando... Sem pressa... Confundindo, misturando. Não há desenho pré-determinado, ou pensado. Uma bagunça...”

Perceber e ter a sensibilidade de mostrar e entrar em contato com a realidade, transformá-la em arte para que todos vejam. Mostrar a nossa arrogância diante da natureza e do humano que somos. A simplicidade da vida, viver.”

Mas será isso mesmo?

E teve mais coisas que fui percebendo ao longo do tempo. Ao olhar para mim mesma me vi carregada de coisas, de visitas constantes de sensações que vinham e voltavam, me abandonavam. Será que sou uma máquina mesmo? Como entender tudo isso? Continuei a escrever e me confundir com essa escrita.

“Subjetividade: as águas que me conduzem como as águas profundas que conduzem o mar. A subjetividade seria como o fundo do mar em constante movimento e em contato com a água da superfície. Somos superfície e interior. Como o mar. Movimentados pelo constante fluxo das águas profundas com as superficiais. Nossa subjetividade fica na mais profunda escuridão e na agradável presença de estrelas-do-mar e cavalos marinhos, ou na ameaça de tubarões. Tudo isso em constantes visitas ou se possível a construção de um habitat. Um habitat que seja minha subjetividade, que não existe sem a do outro, mas que é

a invenção de mim mesma e por isso da subjetividade e do conhecimento das águas que me conduzem em contínuo fluxo das superficiais com as profundas.

Por que se constrói um habitat? Qual é a condição para construção de um habitat livre? Que habitat me habita?

Sinto uma constante passagem das visitas por mim, mas não sinto que estão aqui. Sinto os raios de sol, sinto a escuridão, sinto a passagem, mas nada permanecer.

Fecho os olhos e sinto um corpo deitado. Cansado das visitas. Angustiado por não permanecer nunca. Exausto. Quer deitado. Quer aqui. Só.

Possivelmente sou capaz de inventar, de criar uma nova forma de viver. Mas a todo tempo paro e bloqueio. Não deixo a água do fundo aparecer e sem querer me afogo.

Afogo-me e desapareço. Passo a existir segundo os olhares dos outros e a maneira como construo minha imagem a eles, mas não como eu mesma.”

Vejo que nossas vidas estão sendo manipuladas de uma tal forma que não conseguimos olhar para o fundo, apenas viver segundo uma ordem imposta. E que olhar para o que chamei de subjetividade me faz pensar em quanto tempo existi.

No filme “Tempos Modernos” (1936) Chaplin interpreta uma transformação. De homem-máquina para um vagabundo, que pela sua loucura ao trabalho foi desencadeada. Transforma-se em um excluído da sociedade, mas que parece ter respeitado o que seu corpo pedia naquele momento em que era obrigado a ficar apertando porcas em uma esteira.

Esclarecendo que buscar uma análise de um filme é como produzir um único encontro, entre tantos outros que poderiam ocorrer. Uma correspondência entre uma pessoa, uma cabeça pensante e as imagens refletidas na tela. A cada momento essas imagens se transcendem a essa pessoa e ela escreve o que vê e o que relaciona com outras coisas que já viu, leu, sentiu (e ainda sente) e experienciou. O cinema produz o milagre de tantas pessoas se identificarem com uma mesma cena, cada um de sua forma, com seu objetivo, ou sem objetivo nenhum.

E essa transformação também é uma necessidade que sinto. O corpo curioso e com medo quer experimentar o novo, a transformação, a mudança.

Toda essa questão existencial da qual escrevi até agora levanta uma proposta muito interessante ao trabalho. Fico a pensar em um modo de vida que respeite esse momento na educação das pessoas, dentro de uma escola. Como trabalhar a educação respeitando o existir de cada um, isso através da arte.

“O TEMPO NÃO PARA”

(Cazuza, Arnaldo Brandão: O tempo não para).

Apagaram tudo

Pintaram tudo de cinza

A palavra no muro

Ficou coberta de tinta

Apagaram tudo

Pintaram tudo de cinza

Só ficou no muro

Tristeza e tinta fresca

(Marisa Monte: Gentileza)

*“Enquanto o tempo acelera e pede pressa eu
me recuso faço hora, vou na valsa. A vida é
tão rara”.*

(Lenine e Dudu Falcão: Paciência)

O relógio do início com as informações iniciais. A passagem dos minutos minuciosamente contados para a produção e eficácia, ou a dificuldade das horas passarem dentro de uma fábrica, os minutos perdidos pelo progresso e lucro alheio.

O tempo é preso pelo relógio e o ritmo da vida é controlado por ele e pelos números do calendário. Em função dessa lógica o homem é comparado aos animais que seguem em bando para sobreviver. Conduzidos por uma espécie “superior” provocando a desumanização do ser humano, impossibilitado de refletir sua condição.

Entram apressados para assumir os seus postos dentro da fábrica no tempo certo, ou seja, o mais rápido possível. Controlados por outros homens que incidem seu poder sobre os corpos e sobre as mentes de tal forma que nem mesmo se sabe o porquê de se estar ali e cumprir com sua função na fábrica, como passar o dia todo apertando porcas em uma esteira.

Uma fábrica com exageradas formas de ferro, peças enormes sem uma função declarada. Fria e sem cor. Entrar ali é como passar para um mundo completamente massificado com estruturas que não pedem cor, um mundo pintado de cinza. As pessoas carregam esse olhar cinzento como se estivessem submersas a essa realidade, transformadas em máquinas se confundem com elas. Tudo foi apagado, está triste. A vida ali se torna tão rara que mesmo que o filme não fosse em preto e branco, não se faz necessário o uso ou imaginação de outras cores. Apenas estão ali constantemente, pelo mesmo movimento o dia todo: “(...) o trabalho determina o pensar e o agir. Não se poupa nenhum esforço para prorrogar artificialmente a vida do deus-trabalho”⁵. É possível imaginar uma vida sem o trabalho? Sem estar completamente absorvido pela questão e marcha do tempo. Construir uma vida sem isso é como ser “excomungado” da sociedade: Quem não trabalha, não deve comer!⁶

Os direitos concedidos ao homem acabam por ser restringidos a esse deus-trabalho. O direito de possuir um emprego; em seguida, o de pertencer à sociedade. Aos direitos então, não cabe falarmos do direito à ternura⁷. O homem não possui esse direito, pois na verdade nem sabemos ao certo que

⁵ GRUPO KRISIS. Manifesto contra o trabalho.

⁶ Idem item 5

⁷ RESTREPO, Luis Carlos. O direito a ternura.

temos o direito de possuí-lo se quisermos ainda obter algo de humano em nossas vidas. Ser terno significa dizer não à violência cotidiana. Dar e receber carinho, mas saber identificar quando essa troca está sendo vinculada ao interesse somente do outro e para o outro, desse modo, aprender a lidar com a precariedade de sentir que é provocada pela sociedade do trabalho. Uma situação na qual o desejo, o carinho, o sentir está afunilado e perde-se na boca o egoísmo fabril.

Nesse caso, para driblar essa realidade a ternura é “ao mesmo tempo que disposição à carícia, rejeição visceral à violência”⁸.

E, acostumados com a violência, vivemos com medo de perder nossa posição da sociedade e nos tornarmos "supérfluos", um lixo a ser jogado no aterro sanitário social, controlados pelo autoritarismo, numa sociedade de “sanguessugas” sociais que se alimentam da impotência do cidadão⁹.

⁸ RESTREPO, Luis Carlos. O Direito a ternura.

⁹ GRUPO KRISIS. Manifesto contra o trabalho.

A classe dominante

No filme, o presidente da fábrica comanda a produção, vigiando-a através de uma televisão (uma inovação da época). Suas ordens são sempre para aumentar o ritmo de produção da fábrica, uma voz seca e irritante, o rosto com traços firmes, seu corpo disposto em uma cadeira, sem uma função honesta. Enquanto os empregados trabalham sem parar, ele monta um quebra-cabeça em sua sala, esse parece ser um mapa, como se o montasse para possuir também aquele local. Para entender estrategicamente e cartograficamente a melhor maneira de dominá-lo e possuir cada vez mais bens, dinheiro e poder.

Quem são esses donos afinal? E como conseguem influenciar na sociedade de tal forma, que fazem com que muitos empregados fiquem se movimentando alienadamente em uma esteira?

A fábrica fonte de lucro somente de uma pessoa, ou de uma pequena porção delas, é fruto do trabalho massificado de muitos empregados. Que estão ali, talvez, com a falsa sensação de que aquele trabalho poderá algum dia, reverter em fonte de lucro e de progresso de todos que ali trabalham.

“A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes”¹⁰. Na sociedade moderna a divisão das classes ocorre entre o proletariado, que é obrigado a vender a força de trabalho para sobreviver, e a burguesia que é a proprietária dos meios de produção, controlando os assalariados e, no caso, todo o proletário. A burguesia revolucionou todos os instrumentos de produção; com a abertura do comércio precisou produzir cada vez mais para atingir as exigências do mercado e com isso passou a dominar o globo terrestre em busca de produtos criando uma relação de interdependência entre as nações.

“Só são reconhecidos como seres humanos os que pertencem à irmandade dos ganhadores globais com seus sorrisos cínicos. Todos os recursos do planeta são usurpados sem hesitação para a máquina capitalista do fim em si mesmo”¹¹.

E, por isso, aos trabalhadores se torna tão distante a compreensão do motivo pelo qual estão ali, como se reverterá em bem comum toda essa

¹⁰ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto Comunista.

¹¹ GRUPO KRISIS. Manifesto contra o trabalho.

produção que, além de precarizar a vida, explora os recursos de planeta para saciar um modelo de vida almejado que se torna cada vez mais voraz, extravagante e sedento de combustível.

Na música de Marisa Monte quando se diz “pintaram tudo de cinza...” agora fica claro quem construiu essa padronização o problema é pensar em como nos livrar dela. Onde estão as palavras de gentileza em meio a tanto cinza? Onde está a dança e alegria de Chaplin nesse meio? Como viver de outras cores, conseguir um “jogo de cintura” e não cair do padrão de uma cor só, com medo de entrar em contato com a vida, com o corpo que pede, assim Chaplin vive seus primeiros estalos a pedido de seu corpo dentro da fábrica, submersa de cinza.

Os imprevistos do empregado

Finalmente Chaplin aparece no filme. Depois da crítica ao tempo, à classe dominante e à estrutura da fábrica ele surge imerso nela, como um dos empregados, o apertador de porcas em uma esteira. Com seu rosto pálido e delicado, um olhar profundo que consegue transmitir um toque de sensibilidade, um olhar que transparece a difícil tarefa que terá essa fábrica em manter esse personagem por muito tempo ali, sem qualquer contato com a arte, sem causar confusões, atrapalhadas e risos. As sobrancelhas grossas e negras se destacam ainda mais com o contraste do branco do rosto. Está vestido com roupas de empregado, sem sua cartola e bengala, desfeito de seu colete, de seu paletó velho, de seu ar burguês e vagabundo. Apenas as roupas necessárias para operar as máquinas, para confundir-se com elas. Cinza como todas as estruturas ali.

Na difícil tarefa de se manter na esteira, qualquer movimento que represente uma necessidade de seu corpo atrapalha o bom funcionamento da mesma. Ele é obrigado a ser cada vez mais rápido e eficiente. A máquina a qual conduz o seu trabalho, o pensar e o agir não conta com possíveis acontecimentos, com os imprevistos que podem ocorrer. Independente do que ocorra ela não muda a velocidade, uma vez que é uma máquina que depende de outra para funcionar ou dar sentido a sua existência.

Os imprevistos são uma característica corriqueira do cotidiano e a única forma de vida humana naquela fábrica, a vida se torna realmente tão rara. Esses imprevistos nos causam transtorno, pois desconhecemos a maneira de agir com eles, como se a vida seguisse uma linearidade total na qual nada ocorresse inesperadamente e não planejado, a vida na verdade é um “turbilhão” de sensações, acontecimentos e experiências. No caso do filme, nosso personagem sente vontade mínima de coçar embaixo do braço quando a função é apertar as porcas em uma esteira constantemente. E precisa espantar uma abelha sem perder o ritmo exigido pelo homem-máquina-homem, *nem sei mais o que comanda o que...*

A máquina precisa ser parada (*olha o prejuízo*) para resolver o *problema* do comportamento humano, da ocorrência de imprevistos. E esses é que dão graça à cena, inesperados eles provocam o riso, devido também a maneira com

que o vagabundo lida com a situação, sempre desencadeando e eliminando todas as possibilidades da cena. Entende-se, nesse momento, que o vagabundo está ali para provocar, para revolucionar. Modificar aquela condição começando pelos estalos de seu corpo, como um vulcão iniciando seu processo de erupção. Dentro de nosso ator, as matérias incandescentes estão formando a lava a ser expelida a qualquer momento. O dono da fábrica sentado confortavelmente e pretensamente em sua cadeira montando tranquilamente seu quebra-cabeças não consegue imaginar que dentro de sua fábrica um empregado está a sentir os primeiros sinais da “atividade vulcânica”.

O corpo vulcão

“Oh, eu não sei se eram os antigos
que diziam
Em seus papiros Pápiros já me dizia
Que nas torturas toda carne se trai
Que normalmente, comumente,
fatalmente, felizmente,
Displacientemente o nervo se contrai
Oh, com precisão”

(Zé Ramalho: Vila do sossego)

A esteira está cada vez mais rápida. Chega o momento da troca entre Chaplin e outro empregado para assumir o posto na esteira. No momento que Chaplin solta as chaves de fenda e sai de seu posto de trabalho na esteira, seu corpo continua sentindo os reflexos do trabalho repetitivo.

Seu corpo, tão condicionado ao movimento não consegue se libertar dele, ele está exausto de si mesmo por aquele lugar. Andando em direção ao banheiro ele tem uma espécie de *tiques nervosos* que não param, como se estivesse ficado viciado a repetir o movimento contínuo, seu corpo não consegue mais parar. Parece um soluço que persegue a noite toda, que não deixa esquecer o corpo reagindo a alguma situação, por mais irritante que essa sensação seja. No caso de Chaplin, essa sensação faz lembrar a cada tique que ele sofre a máquina a qual ele está preso e o espera. Definitivamente confundido com ela, agora até seu corpo sente os reflexos dessa dependência a esse trabalho. A saturação do corpo. Ou então, as primeiras formas de demonstrar que aquela situação insuportável estava com seu tempo contado. Pois quando começa a dar os primeiros sinais de explosão, esse vulcão humano não demorará muito para modificar completamente as formas que o rodeiam, transformando-as em outras matérias.

O corpo está sempre oferecendo formas de demonstrar seu cansaço. Sentir o corpo, o que ele pede é tarefa difícil. Apenas quando ele fica muito cansado e provoca alguma dor séria, ou desencadeia uma doença é que se lembra de sua existência e importância. Ele precisa ser olhado, sentido e descoberto. Tratada a doença, depois se esquece do assunto. Sem saber o que

quis dizer tal manifestação do corpo. O corpo precisa ser a manifestação da felicidade, prazer, bem-estar.

No descanso de seu corpo, Chaplin, como já dito, vai até o banheiro para relaxar, acende um cigarro, senta na pia, a música fica mais alegre e calma. Mas, neste momento ele também é vigiado pelo chefe através de uma tela dentro do banheiro. Controlado abusivamente ele é obrigado a voltar a seu posto. Um exagero caricaturista da situação e sensação de absoluto controle em que são submetidos todos os trabalhadores.

Antes de voltar a seu posto de apertador de porcas ele sempre provoca algum tipo de situação que o faz passar mais tempo sem trabalhar, para tornar também engraçada a situação em que se encontra, pois cansado daquela função sem sentido, daquela fábrica sem cor, ele vive esse conflito de precisar e ao mesmo tempo repudiar esse ofício. De estar confundido com a máquina e sentir que seu corpo pede socorro. Esperto ele sempre busca essas situações provocando confusões na esteira e aproveitando do maior condicionamento dos outros companheiros que mesmo provocados não conseguem largar a esteira para revidar a provocação, é difícil a tarefa de ser apenas um apertador de porcas. Ele se destaca. E a cena vai tomando um pouco de cor a cada momento engraçado, a cada gesto fora da ordem, um movimento sutil e diferente para esse momento. Algumas pinceladas de cor começam a aparecer.

Relutantes os corpos de seus companheiros continuam sendo movidos pela máquina, a qualquer custo, anestesiados não sentem as pinceladas que Chaplin começa a esboçar. O corpo anestesiado segue sempre igual, sem movimento imprevisto, são os corpos que ficam dentro de vidros¹², como se estivessem sido educados para se manterem enclausurados nos moldes de uma escola. Na escola dos vidros, os alunos permaneciam dentro dos potes durante as aulas, o que impossibilitava o movimento, o diálogo, o sentir, o olhar o ouvir, enfim, a construção de outro modo de ter aula e de viver. Dentro do vidro aprende-se a se moldar como a sociedade deseja. Todos no mesmo formato do vidro os alunos deveriam permanecer até mudar de ano e assim por diante, um aluno que repetisse o ano, precisaria usar o mesmo vidro do ano passado. Os piores casos eram aqueles alunos que, mesmo em casa, usavam os vidros,

¹² ROCHA, Ruth. Quando a escola é de vidro.

principalmente as meninas, tão frágeis na educação física, ficavam com o olhar tão vago e triste diante dessa condição.

O interessante dessa história é que os vidros apertados passaram a incomodar ainda mais quando um aluno entra na escola sem o seu vidro pela família não ter possibilidade de comprá-lo. As outras crianças começaram perceber que aquele menino sem o vidro era tão bom quando elas, e ainda melhor. O invejaram e descobriram a desnecessidade de ficarem presos em moldes e se libertaram dessa prisão, quebrando todos os vidros, para desespero da professora, como se fosse aqui a explosão do vulcão corpóreo das crianças revolucionando aquele espaço escolar.

Na fábrica da qual tratei acima, as pessoas que devem ter aprendido, e se educado a ficarem dentro desses vidros agora trabalham o tempo inteiro sem parar. Podem ter dificuldade de ouvir, falar, sentir e enxergar devido a essa padronização de seus corpos. Descontextualizados deles mesmos, seguem assim: sempre igual.

O soar da sirene anuncia o momento do almoço. Os ouvidos acostumados com esse som obrigam o corpo a parar o movimento repetitivo para comer. Nesse momento, Chaplin não consegue parar seu movimento para comer; na verdade, nem comida ele trouxe e acaba transtornando o almoço de seu parceiro de trabalho, que fica irritadíssimo com o prejuízo causado em seu almoço.

Chega à fábrica uma máquina para alimentar os empregados que promete aumentar a velocidade e eficácia desse momento. O interesse do dono da fábrica faz com que teste ela em um de seus empregados. O funcionário é preso na máquina sem poder se movimentar (como os vidros da escola), e ela vai colocando a comida na boca do mesmo. Ele precisa mastigar ao ritmo que as coisas são levadas até a boca.

Chaplin é escolhido para testar a máquina. No começo funcionou direito, mas depois começou a dar problemas, o empregado começa ser torturado pela máquina. Com pancadas do limpador de bocas ele sofre sem poder se defender, pois seus braços, pernas e cabeça estão presos. Nenhum cuidado foi direcionado ao homem preso nela, e sim à máquina. Os donos dela tentavam arrumá-la sem se preocupar com a vontade do trabalhador uma, a engenhoca não produziu bons resultados, não foi eficaz e, por isso, inaceitável a sua

utilização naquela fábrica e descartada a hipótese de se ter uma máquina dessas para alimentá-los. O dia na fábrica precisava seguir normalmente.

O funcionamento da fábrica depende do aviso da sirene. Ela comanda os movimentos dos homens, um objeto tão pequeno e tão barulhento, potencializa toda a sincronia de movimentos da fábrica inteira, da produção. Esse barulho dá ritmo para a fábrica, os corpos ficam condicionados a esse barulho.

Não somente nas fábricas esse barulho comanda as ações, mas também nas escolas a sirene, ou o sinal avisa a entrada, mudança de aula, recreio e saída. Já na escola as crianças aprendem e se mover de acordo com a música compassada pela sirene. Será que as crianças conseguem parar o movimento? Ou ficam sentindo as vibrações como Chaplin?

O Trabalho x Loucura

“Ser moderno não é aceitar a si mesmo tal como se é no fluxo dos momentos que passam; é tomar a si mesmo como objeto de uma elaboração complexa e dura.”¹³

Com a solicitação do aumento da velocidade da esteira, Chaplin passa a não conseguir manter seu ritmo. Aperta as porcas constantemente, tenta, tenta, não consegue manter-se em pé e cai sob a esteira nem com o intuito de conseguir manter sua meta, mas com uma fixação doentia naquele movimento. Ele não consegue controlar os reflexos do seu corpo e se entrega à loucura do seu ofício. Ele enlouquece, entra na máquina, entra em contato com o interior dela, suas engrenagens, o seu funcionamento interior. Não há vida lá dentro. E o que há dentro de Chaplin nesse momento?

Ele está prestes a explodir: “Desaprendeu a andar e a falar, e está a ponto de, dançando, sair voando pelos ares. De seus gestos fala o encantamento... O homem não é mais artista, tornou-se obra de arte”¹⁴. É essa figura de Chaplin que vemos ao sair da máquina. Seu corpo e seus olhos, assumem uma forma assustadora de se comportar, como se estivesse pronto para sair pelos ares, como se nada daquilo fizesse sentido, como se tivesse conhecido internamente seu inimigo e não visse nada, apenas mais ferro, outras engrenagens, que continuavam a comandar seu comportamento. Dar se conta dessa realidade provocou no personagem uma desconstrução tão grande, que se tornou insuportável controlar seu corpo. Desse modo, desaprendeu tudo o que achava que sabia, ficou sem chão.

Descontrolado Chaplin passa a apertar todas as formas que lhe lembram uma porca, como botões, nariz, dentro e fora da fábrica. As cenas se misturam com repetições de movimentos que constantemente fazia na fábrica, dançando por ela.

Observam-se os empregados ainda trabalhando, como se fossem treinados (escola) a nunca parar a não ser com o soar da sirene. Chaplin passa

¹³ FOUCAULT, Michel. O que são as luzes?

¹⁴ NIETZSCHE, Friedrich. O Nascimento da Tragédia.

provocando-os com um espirrão de óleo, como quem quer despertá-los. Um despertar para a vida. Desse modo, transformando toda realidade que o cerca, como um vulcão, nesse momento, em explosão.

Nessa explosão assustadora todos correm para se salvar, com medo de entrar em contato com essa mudança. No caso da destruição de um vulcão, o que difere nessa situação é que Chaplin convida todos a participar de sua loucura. Visto como único ali a se comportar assim, é a todo tempo caçado para ser detido, para não causar mais estragos.

Todos os empregados saem correndo atrás dele. O interessante é que antes de saírem, perseguindo Chaplin, os empregados param a esteira; mesmo naquele momento não conseguem largar sua posição, o condicionamento de seus postos. Pensando nisso, a loucura de Chaplin foi produzida ali? Ou ele era louco antes de sair dançando pela fábrica?

No momento em que a esteira parou, todos correm em direção ao revolucionário e ele para se defender movimenta a alavanca, que move a esteira e todos voltam ao trabalho. Escravos do trabalho, um sentimento maior que eles mesmos, do que sua consciência. Naquele momento Chaplin, estava liberto dessa condição, livre estava louco. Louco é ser livre?

A fábrica torna-se o palco para um balé destruidor. O dono da fábrica, manda que todos o detenham, vê sua fábrica correndo um risco enorme de contaminação, de todos os empregados que presenciassem essa cena poderiam ter sair correndo e se libertar de sua posição, como na história de Ruth Rocha citada anteriormente, onde os alunos começaram a invejar a perceber a condição livre do colega da sala e aos poucos se rebelar do sistema, a professora também pedia que os alunos parassem com medo de perder o controle de tudo.

Dentro disso, como os potes de vidro dos alunos da escola, tudo na fábrica vai sendo destruído. Impossibilitando que voltassem ao trabalho. Chaplin chega a subir em um pêndulo mirabolante e borrifar óleo na cara do chefe. É interessante perceber que ele procura sempre esgotar todas as possibilidades da cena, antes de ser levado ao hospital ele borrifava óleo em um trabalhador da fábrica, desfeito de seu instrumento de borrifar, ele tira um outro menor do bolso e espirra no enfermeiro. Dentro da fábrica ele percorreu por todos os setores, até chegar ao controle do ritmo da mesma. Ele explode tudo, transmite aquilo

que sente na realidade em que se encontra como se buscasse a morte de seu inimigo- a máquina.

Considerado insano ele é levado até um hospital para se tratar. Foi lhe recomendado pelo médico, que não se excitasse muito, isto é, que passasse a controlar seu corpo, para não promover mais prejuízos a outra instituição.

Fora do hospital, Chaplin agora entra em contato com a realidade da época. Uma revolução industrial, as conseqüências da crise de 1929 que levou boa parte da população ao desemprego e à fome, pois a produção industrial foi cortada pela metade, também havia a proibição do partido comunista nos Estados Unidos, uma forma de evitar a luta de classes e conscientização da classe trabalhadora.

Em meio a essa realidade, enquanto caminhava pela rua, Chaplin segura uma bandeira comunista, por engano, e fica à frente de uma multidão. Inocente ele é perseguido e vai preso. Uma confusão entre o povo e os policiais acontece. Questões do contexto social começam a aparecer agora, pois uma realidade também existe fora daquela fábrica. O operário foi interpretado como um líder do partido comunista. E foi preso pela primeira vez.

Na prisão Chaplin precisa lidar com o parceiro de cela e o regime da cadeia. A refeição é nojenta e a disputa por um pedaço de pão. Essa é mais uma instituição que lhe pede controle de seu corpo, de seus atos, uma padronização que começa pelas roupas, pela rotina do dia e pela falta de espaço à reflexão.

Um personagem tão simples em seu pensar, salva os policiais da cadeia de ladrões que queriam soltar um parceiro, um traficante. De operário ele passar a ser um líder sindical e depois um herói. Assim ele conquista sua liberdade e demonstra que prefere a cadeia a enfrentar a difícil realidade do lugar. Com uma carta do xerife ele é indicado a trabalhar e consegue um emprego. No trabalho que conseguiu pela indicação da carta, Chaplin auxilia a apanhar madeiras para a construção de um barco, mas em um ato desastroso acaba prejudicando todo o trabalho daquela produtora de barcos e perde seu emprego.

A VIDA DE LISBELA E O PRISIONEIRO:¹⁵

*“Um belo dia a a gente acorda e
hum...*

*Um filme passou por a gente e
parece que já se anunciou o
episódio dois*

*É quando a gente sente o amor se
abuletar na gente tudo acabou
bem,*

Agora o que vem depois...”

(Lirinha: O amor é filme)

¹⁵ Lisbela e o prisioneiro é um filme nacional, conta a história de um casal que se conhece a moça “de família” o moço, um “andarilho” que percorre as cidades com seu furgão contando mentiras, inventando personagens, há cenas de cinema antigo em preto e branco que se misturam com cenas do filme.

O encontro entre Chaplin e a moça já era esperado. Como na fala de Lisbela no filme “o importante não é saber o que acontece e sim como vai acontecer”. Tanto no filme de Lisbela quanto nos Tempos Modernos o casal protagonista é apresentado ao público antes mesmo de se conhecerem e aparecerem juntos. Cada qual marca seu aparecimento no filme de maneiras distintas. Depois de apresentados os personagens, os mocinhos e as mocinhas finalmente se encontram. As condições dos personagens também se coincidem. Os mocinhos dois vagabundos, Selton Melo vivido como um andarilho, que a cada cidade que passa mantém uma identidade, está “jogado” no mundo, usa da arte de interpretar até mesmo Jesus Cristo para sobreviver. Já Chaplin, usa de sua esperteza e artimanha um pouco inocente e às vezes nem tanto para sobreviver. Ambos usam de outros artifícios para sobreviver no mundo. As mocinhas vem de condições diferentes. Lisbela uma moça de família, linda e delicada com seus vestidos que respeitam uma combinação perfeccionista, romântica, sonhadora, passa os dias no cinema vivendo junto com as cenas dos filmes de Hollywood o amor, o medo, a raiva e o suspense, o contato com o cinema é tão grande que ela narra os acontecimentos como se pudesse prever e encantar os acontecimentos da realidade.

A mocinha dos tempos modernos é pobre, uma órfã que perdeu drasticamente o pai assassinado em uma confusão na rua e as irmãs que foram levadas pelo o juizado de menores. É linda e pela sua vida também parece esperar a presença de alguém para salvá-la da condição na qual se encontra.

Este tão esperado encontro ocorre na rua, a jovem faminta rouba um pão para se alimentar e na fuga esbarra e cai sob Chaplin. Ele assume a culpa pelo roubo, outro ato heróico de nosso vagabundo, mas uma madame que ali passava acusou-a do roubo e mesmo assim foi presa, levada por um furgão. O encontro dos dois ficou prometendo uma continuação.

Lisbela e seu mocinho, mais conhecido como Leléu das moça também se encontram. Ela consegue conquistar seu mocinho, que não é aquele do começo do filme com o qual está noiva e vive uma historinha garantida de amor. O Leléu das moça, aparece para ela e ao público vestido de gorila dentro do circo no qual ele trabalha. Todos se assustam ao vê-lo, menos é claro Lisbela. Em um encontro no cinema, ele consegue conquistá-la. O sonho romântico de viver uma aventura de amor se torna realidade para a protagonista do filme.

*“Agora, que faço eu da vida sem você?
Você não me ensinou a te esquecer
Você só me ensinou a te querer
e te querendo eu vou tentando me encontrar”*

(Fernando Mendes, José Wilson e Lucas: Você não me ensinou a te esquecer)

O próximo encontro de Chaplin e ela ocorre quando ele é preso propositalmente por comer em um restaurante sem ter dinheiro para pagar sua exagerada refeição. Uma situação provocada com intencionalidade de nosso boêmio personagem, que mesmo antes de ser a ele solicitado o dinheiro ele chama um guarda e assume sua culpa. O guarda o prende.

Essa intencionalidade pode ser acarretada pelo fato de que ele prefira ficar no “conforto” da cadeia a procurar um emprego, trabalhar e se sustentar numa realidade onde essa condição de empregado está escassa, ou pelo desejo de ver a moça novamente. Nosso personagem é movido pelos seus desejos.

Novamente encontram-se os dois, a música da cena se torna lenta e romântica. Eles escapam da carroça dos presos e fogem juntos por convite da moça, para lutarem por sua condição juntos. Chaplin surpreende a moça por seu heroísmo, sua capacidade de fazê-la livre daquela prisão. Conquista a confiança da moça.

Leléu também surpreende Lisbela, quando aparece no cinema em busca de seu amor proibido. Diante daquela declaração que nunca sentira, Lisbela não consegue segurar seus desejos e se entrega ao andarilho. Decide a ficar junto dele, para isso, abrir mão de tudo o que tinha: o noivo, a casa, o pai. Um pedido de amor, uma cumplicidade, a admiração, a vontade, fez com que nossos personagens passassem o resto dos filmes lutando por esse amor. O que não será fácil.

Longe da cidade Chaplin e linda moça acompanham com o olhar a felicidade de um casal, em uma bela casa e sonham que eles pertencem a essa condição. Como seriam felizes em uma casa daquelas! Com fartura de comida, leite. No momento em que fantasiam essa realidade, se tornam um casal. Como o marido e mulher que moram naquela bela casa. O casal passa a lutar pela sua sobrevivência.

A sobrevivência de Lisbela e de seu prisioneiro depende de outros fatores. Como casal desencadeia outros problemas no enredo do filme. O Leléu das moça, não nega seu nome. Aparece a ele uma outra mulher, ele havia se envolvido antes de conhecer Lisbela. O seu caso com ela levantou a fúria do marido que buscava insano Leléu para matá-lo, também o queria o noivo de Lisbela. O encontro dos dois revela que não poderão ficar juntos.

Chaplin consegue um emprego de vigia noturno em uma loja, um grande magazine. Ele e a moça passam a noite aproveitando os recursos da loja. Recursos estes que nunca tiveram e com os quais sempre sonharam. Aquele momento parece um sonho. Sonho dessa classe tão oprimida, os bens de consumo: diversão, comida e conforto.

Mas, como dificilmente Chaplin permanece em um emprego, uma nova situação aparece na loja. Ladrões invadem a loja, um deles reconhece Chaplin do trabalho. Isso mostra a dificuldade de se conseguir um emprego. Eles estavam com fome e desesperados.

Na confusão, nosso personagem fica embriagado e dorme na loja. É encontrado em meio a tecidos caros e perde o emprego e é preso mais uma vez.

Nesse momento, Leléu passa pela mesma situação. Para salvá-lo da ira do marido traído e do pedido de morte pelo noivo de Lisbela, ela decide pedir para o seu pai policial prendê-lo. O mocinho passa a viver na cadeia, pensando que sua amada teria o traído.

Depois de um tempo, Chaplin consegue ser liberto da prisão ele e a moça vão morar em uma casa abandonada. A cada passo, alguma coisa da casa desmonta, cai. Nessa casa, os dois, excluídos da sociedade procuram formas para viver e as improvisam. Ainda tentando manter um comportamento, como aquele da família dos sonhos. A moça serve o café e ele procura um novo emprego.

E nesse emprego, é claro, que outras confusões aconteceram. Chaplin prende o chefe dentro de uma máquina. Esta cena parece consolidar o desejo de muitos empregados. Ver o chefe ali, preso e dependente da sua ajuda.

Novamente todos são demitidos na fábrica. Mesmo que tentasse se ajustar na sociedade, parece haver uma conspiração contra. Fora da fábrica ele se desentende com um policial e vai preso mais uma vez.

As prisões de Chaplin parecem ter a intenção de mostrar como a realidade muda enquanto ele está fora de cena. Dessa vez, a moça consegue um emprego de dançarina em um salão e está à espera dele.

Ela consegue um emprego a ele no mesmo de salão. Chaplin trabalha servindo mesas, mas sempre acontece algum imprevisto para que ele não consiga atingir seu objetivo. E mesmo que aquelas pessoas tivessem dinheiro para se divertir, dependia do serviço de um garçom como ele para atender seus pedidos.

As dificuldades que ele apresenta nos trabalhos na verdade são propositais. Um vagabundo como ele nunca poderá ter espaço e um emprego na sociedade. É isso o que ele provoca nas pessoas que estão completamente massificadas pelo sistema. Ele as atrapalha, irrita, provoca, faz rir...Passando por muitas das instituições ele continua o mesmo, indo contra ao que esperam dele, o que a sociedade tanto prega como cidadão. Se ele, se deixasse levar, perderia todo o sentido de seu filme. Ele só consegue permanecer no salão, pois lhe foi exigido que fizesse um número, uma apresentação.

Pela primeira vez no cinema, se escuta a voz de Chaplin. Em sua apresentação no salão ele canta, dança, com coreografia minuciosamente ensaiada, e é aplaudido pelo povo. Pela arte ele consegue mudar sua condição. Chaplin consegue viver com a arte em seu personagem ele cria sua vida em seu trabalho. Em seguida, a moça com um lindo vestido segue para sua apresentação.

Lisbela também aparece linda ao seu prisioneiro no dia de seu casamento. Vestida de noiva, com seus lindos detalhes bordados no vestido. Explica para o mocinho que não havia intenção de arruinar sua vida. Os dois se beijam e ele decide lutar por esse amor.

O amor é o sentimento mais próximo do ódio. Uma confusão entre esses dois sentimentos provoca sensações de destruição. Uma destruição que incomoda, faz elaborar um novo modo de vida, o amor se perde na outra pessoa quando percebemos que a idéia da qual fazemos e nos apaixonamos não corresponde com a realidade.

Que realidade é essa nos filmes? No caso do Chaplin os dois se apaixonam uma vez que se encontram nas mesmas condições financeiras, de abandono em relação à sociedade, ali se encontram e constroem entre eles uma

cumplicidade vivida até o final do filme. Em Lisbela e o prisioneiro o encontro das condições surge de maneira diferente. Os dois em vidas completamente diferentes encontram um no outro a felicidade da liberdade. De sair pelo mundo com o amor dos dois. Para o vagabundo, o “Leléu das moça”, vê em Lisbela o amor que sempre procurou em todas as mulheres ao mesmo tempo. Ela tão delicada, romântica e sonhadora conquista-o com sua sensibilidade. Lisbela para enxergar em Leléu a possibilidade de viver um filme de cinema, uma comédia, romântica com aventura do começo ao fim.

Desse modo, a história dos dois casais continua entre as prisões e confusões até finalmente ficarem juntos. Lisbela e o prisioneiro conseguem escapar, depois que o marido traído foi assassinado pela mulher, que concede a fuga de Leléu e Lisbela.

Chaplin e sua moça, também fogem para ela não ser presa pelo juizado de menores que descobre ela dançando naquele salão, pois ficou muito exposta com a condição de dançarina. Eles brigam pela liberdade do outro, desde o encontro até a fuga pela estrada. Conseguem fugir mais uma vez das instituições e distantes da cidade, em uma estrada constroem os passos de uma nova vida:

Chaplin pede que ela se levante. De mãos dadas seguem para encontrar um outro lugar, e outro e outro...

Como Lisbela e o prisioneiro que também seguem pela estrada, aberta em sua frente para a construção de um outro modo de vida.

Os casais terminam o filme juntos e, a pedido de Chaplin, sorrindo.

A vida e os acontecimentos tão conturbados dos filmes remetem a pensar em como essas vidas retratadas nos filmes se relacionam. A história já se conhece. Tem um início, no qual os mocinhos e as mocinhas são apresentados, depois acontece um monte de coisas para impedi-los de ficar juntos e no final felizes eles passam a começar outra vida, felizes ou não para sempre.

É bonito de ver a desconstrução na personagem de Lisbela, que mesmo com sua vida “feita”, seu aparente contos de fadas perfeitamente estruturado é desmoronado devido a uma avalanche de sentimentos. Ela recupera sua vida.

“O amor é filme

Eu sei pelo cheiro de menta e pipoca que dá quando a gente ama

Eu sei porque eu sei muito bem como a cor da manhã fica
 Da felicidade, da dúvida, dor de barriga
 É drama, aventura, mentira, comédia romântica”
 (Lirinha: O amor é filme)

Então esse sorriso do final representa muito mais que a alegria de estarem juntos, da música tocar e a nova vida iniciar. Está no prazer de se arriscar, de tentar, de olhar para aquilo que se sente, sem ignorá-lo, mas amando-o, como quem ama alguém, amando também a si. Por isso, sorria.

"Sorria embora seu coração esteja doendo,
 sorria embora esteja se partindo,
 Quando há nuvens no céu,
 Você vai conseguir

Se você sorrir
 através do medo e da mágoa,
 sorria e talvez amanhã
 você veja o sol aparecer brilhando para você

Ilumine seu rosto com alegria
 Esconda qualquer traço de tristeza
 embora uma lágrima possa estar muito perto

Este é o momento
 você deve continuar tentando
 sorria, de que adianta chorar,
 você vai descobrir que a vida ainda vale a pena
 se você simplesmente sorrir."¹⁶

¹⁶ Letra da música “Smile” (sorri) no final do filme “Tempos Modernos”, essa letra foi criada por John Turner e Geoffrey Parsons, a melodia da música foi feita por C. Chaplin. No filme ela só aparece em melodia. Chaplin tornou-se a primeira pessoa a controlar todos os setores da produção cinematográfica: seleção de cenas, produção, atuação, edição e produção da trilhas sonoras.

CULTURA E EDUCAÇÃO

“ a esperança equilibrista sabe que o show de todo artista tem que continuar...”

(O bêbado e o equilibrista de João Bosco e Aldir Blanc)

“Por tanto amor
Por tanta emoção
A vida me fez assim
Eu caçador de mim”

(Luís Carlos Sá e Sérgio Magrão: Eu caçador de mim)

A vida como obra de arte, ou a arte da vagabundagem.

Chaplin depois de sair da fábrica, se veste como seu personagem criado para a caracterização do que seria um vagabundo, conhecido também por Carlitos. A sua face continua pálida e delicada, os olhos tristes e negros, as sobrancelhas grossas, lembram a pintura de um palhaço. Por mais que se suje, que corra em suas aventuras fugindo da polícia ou indo ao encontro dela, seu rosto continua impecável. As mãos também pequenas e finas movimentam-se minuciosamente ensaiadas. Em baixo do paletó um colete, as calças largas, os sapatos maiores que seus pés, fazem-no andar com as pontas dos pés viradas em direções contrárias. A bengala em mãos e sua cartola. Essa roupa lhe confere um aspecto de burguês falido vagando pela cidade.

Seus movimentos atrapalhados, as confusões que decorrem do seu comportamento, lhe tornam um eterno aprendiz do mundo moderno. Um aprendiz que não quer somente repetir e entrar neste mundo industrializado e dividido, mas que promove todas as situações conferindo um novo sentido ao que parecia imutável e certo, ao jeito corrido atrás do inalcançável, de um reconhecimento ilusório promovido pela sociedade. Esse reconhecimento da sociedade vem com a promessa de saída do estado de minoridade que “...consiste num estado de nossa vontade que nos faz aceitar a autoridade de algum outro para nos conduzir nos domínios em que convém fazer uso da razão.”¹⁷

Isso explica o condicionamento dos empregados da fábrica quando precisam sair de seus postos para perseguirem Chaplin, antes de saírem, param a esteira, para não perderem o ritmo e as peças que precisam trabalhar. Mesmo naquele momento não conseguem largar sua posição, e mesmo que aquele produto mantêm uma distancia enorme entre os trabalhadores.

O que, na realidade, aquela fábrica produz e qual a sua utilidade? Não sei. São peças e peças que passam pela esteira sem uma utilidade declarada. Aos olhos dos trabalhadores aquilo parece ficar ainda mais distante, sem

¹⁷ FOUCAULT, Michel. O que são as luzes?

sentido. Pilhas e pilhas de mercadorias sendo produzidas e para que, se na realidade a população passava (e ainda passa) fome.

Depois de ser expulso da fábrica, Chaplin encontra-se disposto a viver de acordo com a sua atual condição, construindo uma arte da vagabundagem.

Ser visto como vagabundo, isto é, estar fora da sociedade, longe de continuar sendo “uma peça de uma máquina”:

“O homem faz o uso privado da razão quando ele é “uma peça de uma máquina”, ou seja, quando ele tem um papel a desempenhar na sociedade e funções a exercer. Aí o homem aplica regras e persegue fins particulares. Ele não pede um uso tolo da razão, mas que se faça uso da razão adaptado a essas circunstâncias determinadas e a razão deve submeter-se então a esses fins particulares. Neste caso não pode haver uso livre da razão.”¹⁸

Carregados com a ilusão de uma vida melhor, sem conseguir enxergar alguma outra opção, os trabalhadores continuam presos a essa condição, iludidos pelas promessas do futuro melhor, do reconhecimento da sociedade. A opção de Chaplin é manter-se vivo e disposto a criar com o que a realidade lhe oferecer e se fosse apenas um burguês carregando suas mágoas pelo seu infortúnio, não andaria esperando os imprevistos. A realidade, nesse caso, é construída pela arte de ser livre. Livre, ele cria condições e acontecimentos que somente a imaginação alcança.

Chega a ser loucura pensar uma vida assim. Chaplin seria louco por inventar o vagabundo? Ser louco é poder viver pela arte e ser livre? E isso é ser vagabundo?

Sobreviver com medo do risco, precisar do apego à rotina para sentir-se seguro, repetindo o movimento padrão, também é ser louco?

Cada pessoa carrega e constrói sua subjetividade, por isso, é contraditório existir um padrão. Olhar para essa constituição significa lançar-se a um mundo completamente diferente e vivê-lo intensamente. Como fez Lisbela ao se deparar com o convite ao amor de Leléu e se entrega:

¹⁸ FOCALUT, Michel. O que são as luzes.

“Canto e ainda vou andando pelo mundo

Vão me condenar,mas o que eu quero é ir pra junto do meu bem de uma vez.

Para o diabo os conselhos de vocês”

(Carlos Imperial e Neném :Para o diabo os conselhos de vocês)

De forma sutil os convites vão aparecendo. Eles surgem no filme, quando os risos são desencadeados. O riso significa o olhar para a condição que se encontra e ver que realmente não existe sentido continuar com ela, isso se faz com um simples gesto do personagem. Essas cenas são vistas no decorrer de todo o filme, desde a cena em que o vagabundo sai da esteira sentido as vibrações do seu esforço repetitivo, demonstrando o quanto aquele trabalho é doentio. E chega a ser engraçado vê-lo nesta condição, ele representa a realidade respeitando a autenticidade de seu corpo.

Mal-estar de pedagoga

“Cada criatura traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro”

(Machado de Assis)

Pensar a educação diante de todo esse processo de análise do filme e a proposta que ele traz é considerar essa educação como um processo social na formação do ser humano, isto o torna amplo e levanta a necessidade do olhar ao que cada pessoa carrega de acordo com o contexto social que existe como a linguagem, as experiências, cultura (costumes), questões, o sentir, idéias.

"Quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser completamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis." (Ítalo Calvino)

A padronização do ensino quando contraria esses fatores, acaba "castrando" a capacidade criadora. E professores, alunos não aprendem a valorizar essas questões, sempre buscam maneiras de ser igual. Muitas vezes, não há espaço para o existir de cada um. Isso não se resume somente à escola fundamental, ou ensino médio. Professores em processo de formação também sentem falta dessa compreensão.

Muitos desconsideram em sua prática a maneira como podemos construir um conhecimento no diálogo, cada qual a sua maneira, por todos sermos diferentes. Essas diferenças acabam nos separando, distanciando dos outros e de nós mesmos, desse modo, ignoramos a produção do conhecimento, uma vez que esta só pode acontecer no diálogo sobre um determinado assunto formal ligado à educação, sobre nós mesmos, destacando que é impossível separar essa construção do conhecimento em educação daquilo que somos nossa prática está permanentemente ligada a isso.

A produção de uma prática docente, de uma obra, de um texto sempre está ligado ao que somos. O que somos além de caçadores de nós mesmos?

Esse processo de caça - caçadores é interminável. Marcados pelas experiências, direta ou indiretamente ligadas à instituição escolar, estamos explicando e produzindo nada mais e nada menos que nós mesmos.¹⁵

“[...] estamos sempre em busca de nós mesmos, de nossas histórias de vida, de nossos “lugares”, tanto como alunosalunas que fomos quanto como professoresprofessoras que somos. Estamos sempre retornando a esses nossos lugares”¹⁹.

Como esse trabalho propõe esse olhar, primeiramente à autora um convite à criação de uma arte de escrever que acompanha minha construção, a caçada sobre mim mesma, leva a reflexão de quem sou e de como trabalhar com essa necessidade no contexto ao qual vivo e na profissão da qual escolhi.

O reflexo disso começa com a educação que recebi pelo contexto que nasci e vivi até hoje. Relutamos em falar sobre o que sentimos. Isso sempre foi visto como “parvera” (frescura). Essa foi a maneira pela qual os nossos antepassados foram educados e também fomos. Conversar sobre isso, se torna mais fácil com o tempo. Lidar com os sentimentos é um assunto que pouco ouvimos e falamos, por pouco conhecermos. A tranquilidade dos dias oferece-nos uma sensação de controle total ao que vem “de fora” e ao que vem de “dentro para fora”.

Na escola primária, que fica entre o bairro de Santana e o de Santa Olímpia, lecionavam professores “de fora”, como chamavam nossos avós e pais. No tempo deles, esses professores passaram a corrigir os “erros de linguagem” das crianças. O jeito “errado” de falar era composto pelo do dialeto tirolês, muito presente naquele tempo. Chegou a ser proibida a utilização dele dentro da escola. Intitulado como errado pelos professores, as crianças cresceram buscando se aperfeiçoar no português e o reflexo disso pode ser visto nas gerações posteriores. A proibição causou grande perda do dialeto. Atualmente, nos comunicamos apenas com algumas expressões deste.

É possível avaliar a dimensão da interferência da escola na cultura do bairro. Ignorando a importância de manter a linguagem da cultura tirolesa, acabou apagando essa característica do bairro. Juntamente com a linguagem, se perdem as músicas, os histórias, enfim, tudo o que envolve a nossa cultura.

Diante dessa análise, vejo-me com a complexa “missão” de educar com a arte, pois tanto se relutou nos momentos de minha vida esse olhar que pode ser

¹⁹ FERRAÇO, Carlos E. Eu caçador de mim.

sensibilizado pela arte. Preciso antes de tudo me conhecer. Existir enquanto Larissa que pensa e, sobretudo que sente.

“....

Procuo despir-me do que aprendi,

Procuo esquecer-me do modo de lembrar como me ensinaram,

E raspar a tinta com que pintaram os sentidos,

Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras, desembrulhar-me e ser eu...

O essencial é saber ver.

- Mas isso (triste de nós que trazemos a alma vestida!)

Isso exige um estudo profundo,

Uma aprendizagem de desaprender...”

(Fernando Pessoa)

A mesma destruição que Chaplin sente ao perceber sua condição na fábrica seu mal-estar de pertencer a um grupo que não o compreende, é o mesmo mal-estar de perceber a si como a produção em uma escola que prioriza os vidros e tentar sair dessa “prisão” pensando em como fazer um trabalho diferente se continuarei permanecendo dentro deles.

Apesar de não ser confortável, é cômodo ficar dentro desses espaços limitados. As apostilas pensam pelo professor, orientam o trabalho a ser seguido, está tudo pronto. Desse modo, qualquer forma de criação diferente não existe, não há espaço para a arte, em seguida não há possibilidade ao existir de cada um.

Pode-se dizer então, que esse trabalho foi criado com o intuito de fazer real uma vontade de se existir de alguma forma, que criasse alguma lacuna, ou forma diferente de pensar, o sentido de tudo isso é de respeitar uma vontade, além do erudito, além do científico, além do que esperam, mas daquilo que não consigo enganar e como Chaplin, ao menos em algum instante, consiga ser levada pelo desejo de deixar-me construir junto com a exigência de uma produção acadêmica.

SUGESTÕES DE MÚSICAS

(Ao escrever, sinto a necessidade de ouvir músicas, mesmo ao longe. Não consigo imaginar esse trabalho, sendo lido sem músicas que, a meu ver, combinam com cada momento da escrita).

A entrada em um lugar quieto e fechado que quer se abrir:
a benedeta casa mia per piu poreta che la sia.

1. O Carteiro e o Poeta. Esse filme lembra-me muito a minha mãe. Ela sempre foi uma referência forte de minha identidade tirolesa.

Atribuo um carinho muito especial a figura do carteiro, o Mario Ruoppolo (interpretado por Massimo Troisi). Ela diz ser muito parecido com meu nono (o pai dela); o jeito tímido de falar e sua aparência física. Infelizmente não conheci meus avós. Nasci um pouco tarde para isso e ver na tela um pouco do que seria meu nono, me faz sentir mais perto dessa identidade, mais acolhida, perto da família e de casa.

A história desse filme representa a mesma dificuldade e necessidade que sentiram meus antepassados ao sair de Tirol. O filme conta a história de um poeta, Pablo Neruda (interpretado por Philippe Noiret) que por questões políticas da época foi exilado em uma ilha remota do Mediterrâneo. Longe de sua terra ele e a mulher passam a receber as constantes visitas de um carteiro semi-analfabeto. Este fora despertado pela arte da poesia de Neruda e o desejo de também ser poeta, de construir as suas metáforas.

Envolvidos uns nas vidas dos outros, constroem ali naquele exílio uma convivência e amizades. Neruda ajuda Ruopollo a conquistar o amor de Beatrice Russo (interpretada por Maria Grazia Cucinotta) utilizando das metáforas. A arte fez com que não somente o amor se despertasse, mas também a possibilidade de construir uma vida num exílio.

Depois que Neruda e sua esposa puderam voltar para o Chile, Mario Ruopollo e o dono do correio passam a fazer um gravação para dar a Neruda. Nessa gravação eles caracterizam os espaços da ilha, utilizando-se apenas dos sons que propagam nos lugares da ilha; o barulho das ondas batendo no rochedo, dos arbustos em movimento, do sino da igreja, o coração de Pablito na barriga da mãe.

Essa caracterização parece ser um despertar, depois que Neruda saiu da ilha, das coisas belas que cercam aqueles moradores, as quais eles não conseguiam ver, sentir e perceber, antes de experimentar a sensibilização da arte. E como que se saber disso, das coisas belas, poderiam sentir a presença de Pablo Neruda ali, ou trazê-lo de volta. Para acompanhar a minha

caracterização de Santa Olímpia, a não tão mais isolada ilha, escolhi a trilha sonora desse filme.

2. O Cinema Paradiso. Nostálgico! Lembrar e contar sobre as lembranças, encontrar-se com elas, negá-las, abraçá-las, sentir saudade, apegar-se como uma forma de não torná-las banais a ponto de esquecê-las e sentir-se sozinho, sem raízes com algum lugar, pessoas, costumes.

Para acompanhar meus sentimentos ao descrever-me ao mesmo tempo em que descrevo minha origem.

3 e 4. O Fabuloso destino de Amélie Poulain. A figura de Amélie caracteriza-me a construção, aos poucos, com radicalidade ou sutileza do que seria o destino. Movendo-se, alterando o que a cerca, desencadeando encontros, esconder-se e mostrar-se. Penso no mosaico. Construí-lo e visualizá-lo.

Para começar a falar de Chaplin e do tempo modernizado.

5. O tempo não para.

(Cazuza, Arnaldo Brandão)

“Dias sim, dias não eu vou sobrevivendo sem um arranhão da caridade de quem me detesta!

A tua piscina ta cheia de ratos

Tuas idéias não correspondem aos fatos.

O tempo não para.

Eu vejo o futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades

O tempo não para”

A correria do presente, o medo da imparcialidade diante dos momento que se vão, escorrem, caem desperdiçados e inacabados. O presente que não se constrói, que repete.

6. Gentileza

(Marisa Monte)

“Apagaram. Pintaram de cinza. Só ficou no muro. Tristeza e tinta fresca.

Nos que passamos. Apressados. Pelas ruas da cidade.

Merecemos ler as letras de palavras de gentileza.

Por isso, eu pergunto a você no mundo:

- Ser mais inteligente: o livro ou a sabedoria?

O mundo é uma escola.

A vida é um circo.

Amor; palavra que liberta.

Já dizia o profeta.”

A entrada na fábrica de Chaplin revela um submundo. Frio. Cinza.

As palavras de gentileza. As primeiras pinceladas de cor e vida decorridas dos imprevistos do empregado-vulcão, os estalo de vida que Chaplin começa a esboçar na tela, que desencadeiam o riso e o esgotamento das possibilidades da cena.

7. Que segue com o apelo de Lenine e Dudu Falcão: **Paciência!**

“mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma, até quando o corpo pede um pouco mais de alma, eu sei, a vida é tão rara” então “eu me recuso, faço hora (e) vou na valsa- a vida é tão rara, tão rara”.

Ela se torna rara, quando permanecemos em estado mórbido. Dentro da fábrica. Dentro dos potes de vidro.

“bom mesmo é ir a luta com
determinação abraçar a vida com
paixão,
perder com classe e vencer com
ousadia,
pois o triunfo pertence a quem se
atreve...
a vida é muita para ser insignificante!”
C. Chaplin

8. Vila do sossego de Zé Ramalho:

Oh, eu não sei se eram os antigos que diziam
 Em seus papiros Pápiros já me dizia
 Que nas torturas toda carne se trai
 Que normalmente, comumente, fatalmente, felizmente,
 Displícitemente o nervo se contrai
 Oh, com precisão

A tortura de Chaplin, seus tiques nervosos atravessando seu corpo em direção a explosão contra a tortura de suas sensações contraídas.

9. Socorro!

Pedido quando se torna máquina, o corpo condicionado grita:

“Socorro!

Não estou sentindo nada
 Nem medo, nem calor, nem fogo
 Não vai dar mais pra chorar
 Nem pra rir...

(Socorro- Arnaldo Antunes, Alice Ruiz)

10. Aos mocinhos e mocinhas:

“O amor é filme

Eu sei pelo cheiro de menta e pipoca que dá quando a gente ama

Eu sei porque eu sei muito bem como a cor da manhã fica

Da felicidade, da dúvida, dor de barriga

É drama, aventura, mentira, comédia romântica

Um belo dia a a gente acorda e hum...

Um filme passou por a gente e parece que já se anunciou o episódio dois

É quando a gente sente o amor se abuletar na gente tudo acabou bem,

Agora o que vem depois

É quando as emoções viram luz, e sombras e sons, movimentos
E o mundo todo vira nós dois,
Dois corações bandidos
Enquanto uma canção de amor persegue o sentimento
O Zoom in dá ré e sobem os créditos
O amor é filme e Deus espectador!”
(O amor é filme- Lirinha)

11. Encontros e desencontros do amor:

“Não vejo mais você faz tanto tempo
Que vontade que eu sinto
De olhar em seus olhos, ganhar seus abraços
É verdade, eu não minto
E nesse desespero em que me vejo
Já cheguei a tal ponto
De me trocar diversas vezes por você
Só pra ver se te encontro
Você bem que podia perdoar
E só mais uma vez me aceitar
Prometo agora vou fazer por onde nunca mais perdê-la”

Agora, que faço eu da vida sem você?
Você não me ensinou a te esquecer
Você só me ensinou a te querer
E te querendo eu vou tentando te encontrar
Vou me perdendo
Buscando em outros braços seus abraços
Perdido no vazio de outros passos
Do abismo em que você se retirou
E me atirou e me deixou aqui sozinho
(Voce não me ensinou a te esquecer- Fernando Mendes , José Wilson , Lucas)

12. Smile

Música alegre para terminar o filme. Entrar num novo caminho, em frente a uma estrada, sem previsão do futuro, nos momentos que o presente oferece. Um convite a vida como obra de arte, ou a arte da vagabundagem. (C. Chaplin)

13. À cultura e educação:

“Por tanto amor
Por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz
Manso ou feroz
Eu caçador de mim

Preso a canções
Entregue a paixões
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar
Longe do meu lugar
Eu, caçador de mim

Nada a temer senão o correr da luta
Nada a fazer senão esquecer o medo
Abrir o peito a força, numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura
Longe se vai
Sonhando demais
Mas onde se chega assim
Vou descobrir
O que me faz sentir
Eu, caçador de mim”

(Eu caçador de mim- Luís Carlos Sá e Sérgio Magrão)

14. Ópio

“Não quero medir
A altura do tombo
Nem passar agosto
Esperando setembro
Se bem me lembro
O melhor futuro
Este hoje, escuro
O maior desejo da boca
É o beijo
Eu não quero ter o tédio
Me escorrendo das mãos...”
(Zeca Baleiro)

15. Para finalizar essa pequena lista de músicas, coloco a força da voz de Edith Piaf catando: “**Non ! Je ne regrette rien**”. (Michel Vaucaire, Charles Dumont)

Referências Bibliográficas:

FERRAÇO, Carlos E. Eu caçador de mim. In: Método: Pesquisa com o cotidiano. RJ: DPTA, 2003. P. 157-175.

FOUCAULT, Michel. Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Ditos e escritos II. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2000. O que são as luzes? 1984 , Págs.: 335 – 351

GRUPO KRISIS. Manifesto contra o trabalho. Tradução Heinz Dietermann; com a colaboração de Cláudio Roberto Duarte. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003. (Coleção Baderna).

NIETZSCHE, Friedrich. O Nascimento da Tragédia. Tradução, notas e posfácio de J. Guinsburg, Ed. Cia das Letras ,1992.

RESTREPO, Luis Carlos. O direito à ternura. Petrópolis: Vozes, 2a. ed, 2000.

ROCHA, Ruth. *Quando a Escola é de Vidro*. In: ROCHA, Ruth. *Admirável Mundo Novo*.

Marx, Karl; Engels, Friedrich. Manifesto Comunista. Boitempo Editorial, São Paulo - SP. 5º reimpressão - novembro de 2007.

Filmes:

Tempos Modernos. Charles Chaplin, 1936

Lisbela e o prisioneiro. Guel Arraes, 2003

A vila. M. Night Shyamalan, 2004

O grande ditador. Charles Chaplin, 1940

Músicas:

1. Tema do filme: O carteiro e o Poeta. Autor: Colonne Sonore
2. Tema do filme :Cinema Paradiso “Love Theme”. Autor Itzhak Permal.
3. O fabuloso destino de Amelie Poulan “La Valse D`Amelie (Version Orchestre)”. Autor: Yann Tiersen
4. O fabuloso destino de Amelie Poulan “La Noyee”. Autor: Yann Tiersen
5. O tempo não para: Cazuza
6. Gentileza: Marisa Monte
7. Paciência: Lenine
8. Vila do Sossego: Cássia Eler
9. Socorro: Arnaldo Antunes
10. O amor é filme: Cordel do fogo encantado
11. Você não me ensinou a te esquecer: Caetano Veloso
12. Smile: Charles Chaplin
13. Eu caçador de mim: 14 Bis
14. Ópio: Zeca Baleiro
15. Non ! Je ne regrette rien: Edith Piaf

Orientador
Prof. Dr. Romualdo Dias

Orientanda
Larissa Vitti Stenico